

**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas –
FATECS**

JULIANA DUARTE SILVA

**MELHORAMENTO DA COMUNICAÇÃO VISUAL PARA
PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL**

Brasília
2014

JULIANA DUARTE SILVA

**MELHORAMENTO DA COMUNICAÇÃO VISUAL PARA
PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Bacharelado em Publicidade e Propaganda
pela Faculdade de Tecnologia e Ciências
Sociais do Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB.

Orientadora: Prof.^a Ursula Betina Diesel

Brasília
2014

JULIANA DUARTE SILVA

**MELHORAMENTO DA COMUNICAÇÃO VISUAL PARA
PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Bacharelado em Publicidade e Propaganda
pela Faculdade de Tecnologia e Ciências
Sociais do Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB.

Orientadora: Prof.^a Ursula Betina Diesel

Brasília, 11 de junho de 2014

Banca Examinadora

Prof.^a Ursula Betina Diesel

Prof. Ricardo Moura

Prof. Lourenço Cardoso

Me. Pedro Lisbão

*Dedico este trabalho à minha família e ao meu namorado
que tanto me apoiaram ao longo deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

A Prof.^a Ursula Betina Diesel,

Pelas orientações ao longo do trabalho, por todo apoio durante todo o percurso acadêmico.

Obrigada também aos Profs. Ricardo Moura. Lourenço Cardoso e ao Me. Pedro Lisboa por terem aceitado o convite de participarem da banca examinadora.

*Não existe senão um único templo no universo, e é o
Corpo do Homem. Nada é mais sagrado do que esta
elevada forma. Curvar-se diante do homem é um ato de
reverência feito diante desta Revelação da Carne.
Tocamos o céu quando colocamos nossas mãos num
corpo humano.*

*Novalis (pseudônimo de autor de Frederick von
Hardenberg, 1772. Citado em *Miscellaneous Essays*,
vol. II, de Thomas Carlyle).*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propor o melhoramento da Comunicação Visual para portadores de Deficiência Visual, levando em consideração a preocupação voltada para a inclusão social dessas pessoas e meios que facilitem a compreensão e descrição da imagem. Neste sentido, aborda-se a formação da imagem, doenças relativas a baixa visão e cegueira total, processo de percepção da imagem, legislação referente à defesa dos portadores de deficiência visual e proposta de melhoramento da comunicação visual a partir de estudo feito por meio de grupo focal e entrevista com deficientes visuais. O referencial teórico está baseado em pesquisas nas áreas de inclusão social, comunicação visual, deficiência visual, acessibilidade, civilização da imagem, simulacro da imagem. São abordadas, primeiramente, questões à respeito da deficiência visual e da inclusão social das pessoas com deficiência visual, relacionando com o contexto da comunicação visual. As referências bibliográficas utilizadas para a discussão das questões supracitadas são fundamentadas em textos de autoria de Norval Baitello Jr., Roland Barthes, Philippe Dubios, Erving Goffman, o manual de *Orientação e Mobilidade: Conhecimentos básicos para a inclusão de pessoas com deficiência visual* do Ministério da Educação. É utilizado como exemplo de melhoramento da Comunicação Visual a Exposição de Arte em 3D da Pinacoteca de São Paulo. Conclui-se a necessidade de ter o melhoramento da Comunicação Visual para maior inclusão social dos portadores de Deficiência Visual.

Palavras-chave: Comunicação Visual. Deficiência Visual. Imagem. Melhoramento. Inclusão Social.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A COMUNICAÇÃO EM DESAFIOS.....	10
2.1	Noção de espaço através do olhar e do tocar.....	10
2.2	Percepção e Significação	12
2.3	Composição da Comunicação Visual.....	14
2.4	A fotografia como modo de comunicação	16
3	O ATO DE ENXERGAR DE MODO DIFERENCIADO.....	20
3.1	Definição de deficiência visual	20
3.2	Como as pessoas com deficiência visual percebem o mundo	21
3.3	Tipos de acessibilidade existentes	23
3.4	Comunicação Visual e Inclusão Social.....	24
3.5	Funcionamento da Educação Especial no Brasil	25
3.6	Leis para auxílio aos deficientes visuais	26
4	MELHORAMENTO DA COMUNICAÇÃO VISUAL.....	29
4.1	O Desafio da Comunicação Visual	29
4.2	Exemplos de melhoramento para acessibilidade da Comunicação Visual	29
4.3	Grupo Focal e Entrevista	30
4.3.1	Grupo Focal	30
4.3.2	Entrevistas	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
7	APÊNDICE	
7.1	Roteiro do Grupo Focal	
7.2	Roteiro da Entrevista.....	
7.3	Respostas do Entrevista Número 1	
7.4	Respostas do Entrevista Número 2	
7.5	Imagem Utilizada para Descrição no Grupo Focal	
7.6	Imagens Produzidas pelos Portadores de Deficiência Visual	
7.7	Imagens do Grupo Focal.....	

1 INTRODUÇÃO

O objetivo dessa monografia é mostrar a importância da eficiência da comunicação visual para pessoas com deficiência visual. A contextualização deste trabalho discute a respeito do melhoramento da comunicação visual, e como esta poderá abrir portas para a inclusão social e a acessibilidades de pessoas com deficiência.

A inclusão social é uma discussão das mais sérias vividas pela sociedade contemporânea, afinal, há um crescimento significativo da acessibilidade social e cultural de pessoas com deficiência. Preocupações como estas são presentificadas em projetos como o da Pinacoteca de São Paulo, onde fotografias foram traduzidas em 3D, para que, ao invés de uma explicação à respeito da imagem, fosse possível a pessoa com deficiência visual poder entender por si só do que se tratava aquela arte.

A palavra imagem provém do termo em latim *imāgo*,¹ que se refere à figura, representação, semelhança, máscara ou aparência de algo. A imagem também pode ser representação visual de um objeto, o que nos remete a fotografia e/ou pintura. Mas, não se restringe apenas à questão visual, pode ser configurada a partir de distintas naturezas e em diferentes linguagens.

A imagem fotográfica hoje está ligada a forma de comunicar-se mais rapidamente entre as pessoas. Nesta transição mútua de compartilhamento de ideias, informações e pensamentos há o uso de ícones. Cujos crescimento desenfreado de compartilhamento realça o caráter imediato e aparente da duplicação da realidade.

As discussões acima configuram o primeiro capítulo do trabalho, que aborda a discussão a respeito da deficiência visual e a inclusão destas pessoas no âmbito social. Esclarecendo assim: a acessibilidade de pessoas com deficiência visual à projetos de comunicação social.

Para as pessoas com deficiência visual, a percepção da imagem vem através da percepção sensorial. A mais importante para conhecer o mundo é o háptico, também chamado de tato ativo. Com o tato ativo é possível haver uma tradução do objeto, imagem ou meio pelo qual haja curiosidade por parte da pessoa deficiente em conhecer ou perceber o objeto em questão.

¹ Segundo o termo do Dicionário Aurélio.

Pessoas com deficiência visual utilizam, por exemplo, os receptores térmicos da pele como indicações para orientação – indicação de pontos cardeais. O uso do Sol como referência possibilita rápida verificação de uma possível troca de direção e correção imediata da sua orientação geográfica. Exemplo: o sol quando incidido no rosto ou na parte anterior do corpo, indica que a pessoa está dirigindo-se para leste (pela manhã); quando o Sol reflete na parte de trás da cabeça e nas costas, para oeste (pela tarde).

Portanto, pessoas com deficiência visual possuem maneiras diferentes de se locomoverem e enxergarem o mundo ao seu redor. Neste sentido, é importante que haja um foco diferenciado da Comunicação Visual, para que, seja possível que este público consiga entender o que a Comunicação quer levar até eles. Seja isto por meio da tradução de uma imagem ou de produtos.

A metodologia utilizada foi baseada no processo de captação da percepção através de outros sentidos além da visão. Desta forma, foi possível perceber que há diversas formas de perceber o ambiente que não dependam somente da visão, mesmo que está seja um grande auxílio. Neste sentido, a comunicação visual precisa adaptar-se a meios que estimulem os outros sentidos (tato, olfato, paladar etc.).

2 A COMUNICAÇÃO EM DESAFIOS

2.1 Noção de espaço através do olhar e do tocar

É graças à visão que podemos facilmente perceber, aprender e ter controle do que ocorre ao nosso redor. A visão pode controlar a maior parte dos nossos movimentos automáticos, desde os instintivos até os aprendidos/treinados, e tensões dependentes do sistema motor extrapiramidal (funções automáticas de difícil percepção – grupos de neurônios motores)².

O Olhar é tão presente em nossa vida que não nos damos conta de quanto ele se manifesta. Por vezes demasiadas está... oculto (!), isto é, atuando sob termos que à primeira vista (!) não se referem a ele. O imaginário, a imaginação, a fantasia, os sonhos, a observação, a constatação, a verificação e a própria crítica remetem quase sempre à atuação dos olhos. Talvez 90% de tudo que é dito ou escrito veio do que foi visto. Mas não parece. (GAIARSA, J. A., 2009, p. 10).

O olhar auxilia na percepção do espaço, ou seja, através dele podemos mapear a área em que nos encontramos, aguçar nossos sentidos, equilibrar movimentos, ter consciência e prestar atenção no que acontece no ambiente ao redor. Os sentidos coordenados pelos olhos acompanham toda a execução dos movimentos, levando informações para o cérebro a fim de corrigir qualquer desvio que ocorram em relação à intenção do indivíduo.

Em situação psicológica ou emocional, o corpo, [...], assume e mantém inúmeras tensões posturais e produz muitos movimentos expressivos na face e nos braços/mãos. No entanto, tudo isso que é totalmente visível para os demais não é percebido pela pessoa, é inconsciente para ela. (GAIARSA, J. A., 2009, p.14).

Para a tradução do que é possível ver, muitas vezes não há palavras suficientes. A visão, ao percorrer o espaço, consegue estabelecer uma conexão pessoal ou interpessoal, intencionalmente ou não, maior do que com o uso da verbalização. Para tal é utilizado a intuição, que do latim *intuere*, significa “ver”, ou seja, nós utilizamos a nossa visão para estabelecer uma conexão extra-verbal com o ambiente.

Os olhos percebem muito mais do que as palavras jamais conseguirão dizer. Percebem e estabelecem (ou propõem) mais

² GAIARSA, José Angelo. O Olhar. 3ª Edição. São Paulo. Ed. Ágora, 2009.

relações pessoais – ou com objetos – do que elas. Quer as pessoas se deem conta disso, quer não. (GAIARSA, J. A., 2009, p.20).

Podemos perceber que a ligação do sentido visão com o tato é muito maior do que é perceptível conscientemente. Todo o nosso aprendizado advém da imitação de movimentos. Os bebês, eles aprendem a andar, falar, gesticular através da imitação dos movimentos que os pais produzem.

Diziam os escolásticos: “Pela inteligência o homem pode fazer-se todas as coisas”. O homem pode, realmente, fazer-se (ou experimentar-se como) todas as coisas, mas não pela inteligência, e sim pela imitação – pela motricidade, portanto. (GAIARSA, J. A., 2009, p. 62).

É através da pele que nosso tato conduz informações para o nosso cérebro, nos proporcionando informações a respeito do que está e acontece ao nosso redor. É o maior sentido do nosso corpo e um dos mais importantes para diversos processos que nosso corpo precisa para manter-se informado a respeito do ambiente.

O maior sentido de nosso corpo é o tato. Provavelmente, é o mais importante dos sentidos para os processos de dormir e acordar; informa-nos sobre a profundidade, a espessura e a forma; sentimos, amamos e odiamos somos suscetíveis e tocados em virtudes dos corpúsculos táteis de nossa pele. (TAYLER, J. Lionel, 1921, p.157).

A pele é maior órgão do sentido humano, é o primeiro sentido a evoluir no embrião, o primeiro meio de comunicação com o mundo e nosso mais eficiente protetor. É através dela que conseguimos extrair informações a respeito do clima, ambiente etc., e nos comunicarmos com outros indivíduos. Graças ao tato podemos ter uma comunicação eficaz com o meio.

Na evolução dos sentidos, o tato foi, sem dúvida, o primeiro a surgir, O tato é a origem de nossos olhos, ouvidos, nariz e boca. Foi o tato que, como sentido, veio a diferenciar-se dos demais, fato este que parece estar constatado no antigo adágio “matriz de todos os sentidos”. (MONTAGU, Ashley, 1995, p.21).

É possível perceber que tanto a visão quanto o tato são importantes para a comunicação. Porém, uma pessoa deficiente visual precisa aguçar outros sentidos para conseguir extrair informações a respeito do ambiente. De todos os sentidos o tato prevalece, pois este torna-se a “visão”.

São muitas as funções da pele: (1) base de receptores sensoriais, localização do mais delicado de todos os sentidos, o tato; (2) fonte, organizadora e processadora de informações; (3) mediadora de sensações; (4) barreira entre organismo e ambiente externo; (5) fonte imunológica de hormônios para a diferenciação de células protetoras; (6) camada protetora das partes situadas abaixo dela contra efeitos da radiação e lesões mecânicas; (7) barreira contra materiais tóxicos e organismos estranhos; (8) responsável por um papel de destaque na regulação da pressão e do fluxo de sangue; (9) órgão reparador e regenerativo; (10) produtora de queratina; (11) órgão de absorção de substâncias nocivas e outras, que possam ser excretadas junto com os resíduos corporais eliminados; (12) reguladora de temperatura; (13) órgão implicado no metabolismo e armazenamento de gordura; (14) e no metabolismo de água e sal, através da transpiração; (15) reservatório de alimento e água; (16) órgão da respiração e facilitadora da entrada e saída de gases através da mesma; (17) sintetizadora de vários compostos importantes, inclusive da vitamina D, responsável pelo controle do raquitismo; (18) barreira ácida que protege contra muitas bactérias; (19) a secreção produzida pelas glândulas sebáceas lubrifica a pele e os pelos, isolando o corpo contra chuva e frio e provavelmente ajuda no extermínio de bactérias; (2) autopurificadora. (MONTAGU, Ashley, 1995, p.25 e 26).

O tato é um importante meio de comunicação para a pessoa cega, pois é através dele que há a captura de informações suficientes para saber locomover-se pelo ambiente, ter noção dos objetos ao seu redor e ter contato com outras pessoas.

2.2 Percepção e Significação

A percepção é a ação e efeito de compreender e traduzir informações através do recebimento de influência dos sentidos. Permite ao indivíduo receber, elaborar e interpretar informações. Para tanto, o desejo e a percepção de uma pessoa está ligado ao processo de desejar algo que está além de seus recursos ou que lhe seja familiar.

Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa, alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen. “Ideia” deve aqui ser entendida num certo sentido platônico, muito comum no falar cotidiano; refiro-me a aquele sentido em que dizemos que um homem relembra a mesma ideia, e em que, quando um homem continua a pensar alguma coisa, digamos por um décimo de segundo, na medida em que o pensamento continua conforme consigo mesmo durante esse tempo, isto é, a ter um conteúdo *similar*, é a mesma ideia e não, em cada instante desse intervalo,

uma nova ideia. (PEIRCE, Charles Sanders, *Semiótica*, 2000, p. 46).

A percepção pode ser traduzida através do processo da tricotomia dos signos. A primeira tricotomia explica o signo como *uma mera qualidade, um existente concreto* ou *uma lei geral*. Nesta divisão, o signo pode ser classificado como *Qualissigno*, *Sinsigno* ou *Legissigno*:

Um *Qualissigno* é uma qualidade que é um Signo. Não pode realmente atuar como signo até que se corporifique; mas está corporificação nada tem a ver com seu caráter como signo. [...] Um *Sinsigno* (onde a sílaba *sin* é considerada em seu significado de “uma única vez”, como em *singular, simples*, no Latim *semel*, etc.) é uma coisa ou evento existente e real que é um signo. E só pode ser através de suas qualidades, de tal modo que envolve um qualissigno, ou melhor, vários qualissignos. Mas estes qualissignos são de um tipo particular e só constituem um signo quando realmente se corporificam. [...] Um *Legissigno* é uma lei que é um Signo. Normalmente, esta lei é estabelecida pelos homens. Todo signo convencional é um legissigno (porém a recíproca não é verdadeira). Não é um objeto singular, porém um tipo geral que, tem-se concordado, será significante. Todo legissigno significa através de um caso de sua aplicação, que pode ser denominada *Réplica*. Assim, a palavra “o” normalmente aparecerá de quinze a vinte e cinco vezes numa página. Em todas essas ocorrências é uma e a mesma palavra, o mesmo legissigno. Cada uma de suas ocorrências singulares é uma *Réplica*. A *Réplica* é um *Sinsigno*. Assim, todo *Legissigno* requer *Sinsignos*. Mas estes não são *Sinsignos* comuns, como são ocorrências peculiares que são encaradas como significantes. Tampouco *Réplica* seria significante se não fosse pela lei que a transforma em significante. (PEIRCE, Charles Sanders, *Semiótica*, 2000, p. 52).

A segunda tricotomia, seguindo a relação do signo com o objeto, consiste no fato de o signo ter caráter em si mesmo, mantendo uma relação existencial com o objeto ou relação com o interpretante. Seguindo esta tricotomia o signo pode ser denominado como: *Ícone*, *Índice* ou *Símbolo*.

Um *Ícone* é um signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer tal Objeto realmente exista ou não. [...] Um *Índice* é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto. Portanto, não pode ser um *Qualissigno*, uma vez que as qualidades são o que são independentemente de qualquer outra coisa. [...] Um *Símbolo* é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o *Símbolo* seja interpretado como se referindo àquele Objeto [...]. (PEIRCE, Charles Sanders, *Semiótica*, 2000, p. 52).

A percepção não é um fato isolado, e sim um processo muito complexo. Seguindo todo o processo das três tricotomias, é possível perceber a ligação com o recurso perceptivo. O primeiro passo é dar ao objeto a ser percebido qualidades, significado a serem associados e uma familiaridade (seja está ligada a informações aprendidas com a família ou com o cotidiano). O segundo passo é criar uma conexão direta com o objeto, levando a uma observação mais aprofundada a seu respeito. Portanto, a percepção é um processo de racionalização e assimilação do objeto de análise através de recolhimento de experiências vividas e materialização do processo lógico. Todo o processo de comunicação e construção de significação da-se por meio da percepção. Se o indivíduo não percebe, o objeto de observação passa a não existir. Desta forma, o mundo só é percebido quando há significação do meio onde o indivíduo está situado.

2.3 Composição da Comunicação Visual

A visão humana fornece o detalhamento de informações com precisão, fazendo com que seja possível aprender e identificar o material visual para manter-se uma comunicação com o mundo. Há três níveis de entendimento das mensagens visuais:

Expressamos e recebemos mensagens visuais em três níveis: o *representacional* – aquilo que vemos e identificamos com base no meio ambiente e na experiência; o *abstrato* – a qualidade cenestésica de um fato visual reduzido a seus componentes visuais básicos e elementares, enfatizando os meios mais diretos, emocionais e mesmo primitivos da criação de mensagens, e o *simbólico* – o vasto universo de sistemas de símbolos codificados que o homem criou arbitrariamente e ao qual atribuiu significados. [...] (DONDIS, Donis A., 1997, p. 85).

A importância dos aspectos icônicos para a iniciação de indicação de significação aos objetos é um processo onde o indivíduo passa a processar tudo o que há no meio onde está situado. Ou seja, para que algo seja representativo é preciso que haja uma experiência com aquilo, é necessário ter uma identificação com o objeto. Caso isso não ocorra há uma abstração da significação, levando a uma desconexão com o objeto de análise, fazendo com que o objeto deixe de ser algo simbólico e por fim não há transmissão da mensagem de significação, portanto, não há aprendizagem.

A informação visual deve ser reproduzida de forma acessível a todos. É preciso que seja possibilitada. Porém para saber se a Comunicação Visual é efetiva ou não é

preciso entender de que forma começou a ser aprendida, entendida e expressada. Antes da invenção da câmera fotográfica, toda a forma de comunicação visual era proveniente dos artistas, que ampliavam o conhecimento dos expectadores. A simples composição de uma imagem, de um animal, por exemplo, pode chegar a esferas muito mais amplas de significado. Tudo isso depende da forma como o objeto está retratado, seja com enriquecimento de detalhes ou não. Segundo DONDIS (1997), toda informação visual é facilmente obtida através dos diversos níveis da experiência direta do ato de ver. Portanto, para cada tipo de detalhamento na imagem, o expectador entende de uma forma, recorrendo a tudo aquilo que aprendeu até aquele dado momento.

Antes da chegada da câmera fotográfica, apenas os membros mais ilustres, talentosos e informados da sociedade detinham a capacidade de desenhar, pintar e produzir esculturas que representassem a realidade tal qual como ela é. Com a invenção da câmera fotográfica, onde é possível dar maior detalhamento à imagem e até mesmo modificá-la, a ponto de dar multisignificados a uma única imagem, teve início a abertura de novos conhecimentos a respeito do objeto em análise. Com a capacidade de registrar os fatos com maior velocidade, a sociedade conseguia ficar atualizada sobre todos os fatos que aconteciam. Logo, os conceitos de tempo e espaço foram modificados pela capacidade de produzir imagens que a câmera fotográfica potencializou e aprimorou³. O processo fotográfico ocorre a partir do uso de um arsenal, um objeto, que não é através do olhar, para captar uma imagem e ficar com o registro daquilo que já passou. É um feixe de luz que passa através de uma câmara escura captando a imagem do ambiente.

Para que a Comunicação Visual atinja o objetivo final, é preciso que haja interação entre os três níveis: *representacional*, *abstrato* e *simbólico*. Os três níveis possuem características distintas, mas que não atrapalham a compreensão final, pois se sobrepõem, interagem e reforçam mutuamente suas qualidades. O conteúdo e a forma são fundamentais para a composição da Comunicação Visual. O conteúdo sempre estará relacionado à forma, pois é o que fundamenta o que está sendo expresso – direta ou indiretamente. O conteúdo pode variar de acordo com o meio e formato, adaptando-se a cada um para melhor transmitir a mensagem. A mensagem tem como objetivo, segundo DONDIS (1997), contar, expressar, explicar, dirigir,

³ DONDIS, Donis A., *Sintaxe da Linguagem Visual*, 2ª Edição. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1997.

inspirar, afetar o espectador. Para atingir tal objetivo é preciso fazer escolhas que reforcem e intensifiquem a informação expressa. Portanto, a mensagem e o significado estão contidos na composição e a forma está expressa no conteúdo⁴.

A composição é o meio interpretativo de controlar a reinterpretação de uma mensagem visual por parte de quem a recebe. O significado se encontra tanto no olho do observador quanto no talento do criador. O resultado final de toda experiência visual, na natureza e, basicamente, no *design*, está na interação de polaridades duplas: primeiro, as forças do conteúdo (mensagem e significado) e da forma (*design*, meio e ordenação); em segundo lugar, o efeito recíproco do articulador, (*designer*, artista ou artesão) e do receptor (público) [...]. Em ambos os casos, um não pode se separar do outro. A forma é afetada pelo conteúdo; o conteúdo é afetado pela forma. A mensagem é emitida pelo criador e modificada pelo observador. (DONDIS, Donis A., 1997, p. 131 e 132).

2.4 A fotografia como modo de comunicação

Segundo FLUSSER (1985), imagens são superfícies que pretendem representar algo. Toda imagem é resultado da intenção do autor em transmitir algo para o receptor. Tal esforço advém da capacidade criadora e criativa do autor com o objeto de observação.

As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano. Devem sua origem à capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação. No entanto, a imaginação tem dois aspectos: se de um lado, permite abstrair duas dimensões dos fenômenos, de outro permite reconstituir as duas dimensões abstraídas na imagem. Em outros termos: imaginação é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens. (FLUSSER, Vilém, 1985, p. 7)

Para BARTHES (1984) a Fotografia sempre traz consigo seu referente, uma vez que funcionam como um simulacro. A imagem fotográfica representa mecanicamente aquilo que não mais será repetido, portanto, é uma representação de um instante.

O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o *corpus* de que tenho

⁴ DONDIS, Donis A., *Sintaxe da Linguagem Visual*, 2ª Edição. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1997.

necessidade ao corpo que vejo; ela é o Particular absoluto, a Contingência soberana, fosca e um tanto boba, o *Tal* tal foto, e não a Foto), em suma a *Tique*, a Ocasão, o Encontro, o Real, em sua expressão infatigável. (BARTHES, 1984, p. 13).

A fotografia pode ser tida como um advento entre um indivíduo e outro, ou seja, há uma separação da *consciência de identidade*. Existe, portanto, uma reformulação de imagem e identidade do indivíduo através do ato de fotografar e de ser fotografado⁵.

Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exhibir sua arte. Em outras palavras, ato curioso: não paro de me imitar, e é por isso que, cada vez que me faço (que me deixo) fotografar, sou infalivelmente tocado por uma sensação de inautenticidade, às vezes de impostura (como certos pesadelos podem proporcionar). (BARTHES, 1984, p.27).

BARTHES (1984) explica a fotografia como um ato de transformar pessoas e objetos, ou seja, pode ser uma transformação *passiva, negativa, interrogativa e/ou enfática*. Pode ser de âmbito social, retrativo, pessoal que transpasse a ideia do fotógrafo para o receptor, onde este irá traduzir a informação e repassará de acordo com a sua percepção⁶.

Já para JOLY (1996), a imagem indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece. A imagem pode ser semelhante, ou até mesmo ser confundida, com aquilo que está representando e ser tida como algo imitativo, enganador ou educador. Mas é algo que traz consigo a significação, por tanto, é preciso interpretar a imagem, ver além do que está sendo representado⁷.

Para que a imagem prenda a atenção do público-alvo, é preciso que a riqueza de detalhes instigue o receptor a decifrá-la. Segundo FLUSSER (1985), este processo é chamado de scanning, o traçado do scanning segue a estrutura da imagem, mas também impulsos no íntimo do observador.

⁵ BARTHES, Roland, A Câmara Clara: nota sobre a fotografia, 7ª Edição. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1984.

⁶ BARTHES, Roland, A Câmara Clara: nota sobre a fotografia, 7ª Edição. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1984.

⁷ JOLY, Martine, Introdução à análise da imagem. Campinas, 4ª Edição. Campinas. Ed. Papirus, 1996.

O caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens *eternalizem* eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialética interna da imagem, própria a toda mediação, e nela se manifesta de forma incomparável. (FLUSSER, Vilém, 1985, p. 7).

A fotografia é tida como uma das formas de *imagem técnica*, ou seja, uma imagem produzida a partir de um aparelho. A função de tal imagem é de tirar o olhar conceitual do seu público, levando a substituição da consciência histórica por uma consciência crítica.

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo. Essa atitude do observador face às imagens técnicas caracteriza a situação atual, onde tais imagens se preparam para eliminar textos. Algo que apresenta consequências altamente perigosas. (FLUSSER, Vilém, 1985, p. 10).

A comunicação fotográfica consiste na troca de informações entre observador e objeto, onde o autor da fotografia – o fotógrafo – ambienta este modo de acordo com o que ele está querendo mostrar. Tal troca de informações consiste num processo delicado de reflexão.

O processo dessa manipulação de informações é a comunicação que consiste de duas fases: na primeira, informações são produzidas; na segunda, informações são distribuídas para serem guardadas. O método da primeira fase é o diálogo, pelo qual informações já guardadas na memória são sintetizadas para resultarem em novas (há também *diálogo interno* que ocorre em memória isolada). [...] O método da segunda fase é o *discurso*, pelo qual informações adquiridas no diálogo são transmitidas a outras memórias, a fim de serem armazenadas. (FLUSSER, Vilém, 1985, p. 26)

O valor da fotografia como comunicação consiste na informação que esta transmite. Quanto maior a riqueza de informações, melhor será a comunicação com o observador, pois é preciso que haja um diálogo interativo entre a informação nova a ser transmitida e as informações contidas na memória do receptor. Segundo FLUSSER (1985), o universo dos símbolos (entre os quais, o universo fotográfico é o dos mais importantes) é o universo mágico da realidade. Mas, para portadores de

deficiência visual esta realidade imagética da fotografia precisa ser explorada através de outros sentidos, é preciso ampliar o seu caráter icônico. Portanto, a fotografia precisa adaptar, modelar e adequar os seus receptores de acordo com o que tenta transmitir e para quem está transmitindo.

3 O ATO DE ENXERGAR DE MODO DIFERENCIADO

3.1 Definição de deficiência visual

O conhecimento do homem advém do mundo exterior e provém essencialmente da visão, diferentemente de outros animais que utilizam mais outros mecanismos para explorar o mundo. Para os humanos, o paralelismo dos olhos possibilita um campo visual binocular vasto e uma visão binocular que permite apreciar corretamente o mundo ao seu redor – podendo, assim, ter noção de distância e relevo. Mas só é possível tal apreciação se não houver desvio patológico de um dos olhos⁸.

A cegueira ou perda da visão pode ser adquirida ou congênita (desde o nascimento). Quando a pessoa perde a visão ao longo da vida, a mesma consegue guardar memórias visuais. Isso a faz lembrar de imagens, sons, cores e objetos que conheceu. Também a auxilia no reconhecimento de objetos, sons etc. com que tiver contato. O mesmo não ocorre com a pessoa que já nasce com incapacidade visual, pois a mesma terá uma outra forma de enxergar o mundo, sendo desprovida de memórias visuais.

A deficiência visual pode ser definida como a perda total ou parcial da visão. Há dois grupos de deficiência: a) Cegueira: quando há perda total da visão ou pouquíssima capacidade de enxergar – levando a pessoa ter a necessidade de utilizar o sistema Braille; b) baixa visão ou visão subnormal: é caracterizada pelo comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo que haja tratamento ou correção – pessoas que possuem esta doença conseguem ler textos impressos, contanto que estes estejam ampliados e/ou adaptados para elas⁹.

Para entender melhor a respeito dos tipos de cegueira, é preciso saber as noções clássicas para distingui-las¹⁰:

A cegueira de locomoção ou prática: a visão encontra-se demasiadamente afetada para que a pessoa consiga percorrer pelas ruas ou, até mesmo, dentro de casa com segurança. Admite-se este tipo de cegueira quando o indivíduo não consegue contar os dedos numa distância de dois metros, ou quando o campo visual está reduzido à 10°; A cegueira legal: é

⁸ HUGONNIER-CLAYETTE, S. As Deficiências Visuais: deficiências e readaptação. Ed. Manole Ltda, 1989.

⁹ <http://www.bengalalegal.com/deficiencia-visual> Acessado no dia: 03/03/2014 às 19h40min

¹⁰ HUGONNIER-CLAYETTE, S. As Deficiências Visuais: deficiências e readaptação. Ed. Manole Ltda, 1989.

o grau de acometimento visual que permite a um indivíduo receber auxílio. Tal auxílio varia pela legislação de cada país; A cegueira profissional ou cegueira econômica: impede com que o sujeito consiga desempenhar quaisquer tipo de trabalho. (HUGONNIER-CLAYETTE, S., 1989, p.10).

Já a visão subnormal ou baixa visão é quando o indivíduo apresenta 30% ou menos da capacidade total da visão. Neste caso há dificuldade de enxergar com detalhes, por exemplo, é possível ver o quadro negro mas não as letras escritas nele. Para estes casos existe a cirurgia de correção, porém há apenas um melhoramento parcial da visão.

As principais causas das cegueiras ou visão subnormal, são¹¹:

Retinopatia da prematuridade: causada pela imaturidade da retina, em decorrência de parto prematuro ou de excesso de oxigênio na incubadora; **Catarata congênita:** em consequência de rubéola ou de outras infecções na gestação; **Glaucoma congênito:** pode ser hereditário ou causado por infecções; **Degeneração da retina e alterações visuais corticais:** a cegueira e a visão subnormal podem ser provenientes de doenças como diabetes, deslocamento de retina ou traumatismos oculares. (HUGONNIER-CLAYETTE, S., 1989, p.17-24).

3.2 Como as pessoas com deficiência visual percebem o mundo

As pessoas com deficiência visual adaptam sua maneira de enxergar ao mundo evoluindo os outros sentidos. As informações tátil, auditiva, sinestésica e olfativa são mais desenvolvidas, o que faz com que elas tenham uma diferente percepção do mundo ao seu redor.

Essa evolução dos sentidos é devido a ativação constante dos demais sentidos por força da necessidade. Portanto, os sentidos remanescentes não são substitutivos da visão, pelo contrário, funcionam como complementos. Cada sentido exerce uma função compensatória, vejamos¹²: a) Audição: seleção e codificação e codificação de sons, fazendo com que cada som tenha um significado diferente para o indivíduo; b) Tato: o tato ativo ou háptico, funciona através dos componentes cutâneos e sinestésicos como um catalogador de informações, que interpretadas pelo cérebro,

¹¹ HUGONNIER-CLAYETTE, S. As Deficiências Visuais: deficiências e readaptação. Ed. Manole Ltda. São Paulo, 1989.

¹² SÁ, Elizabet Dias de [et al], Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual. Brasília. SEESP, SEED, MEC, 2007.

formam valiosas informações a respeito do ambiente; c) Olfato e Paladar: são auxiliares para o funcionamento do tato ativo.

Graças a esses sentidos, cada pessoa cega consegue desenvolver imagens mentais a respeito do meio, objeto e/ou outros indivíduos. Isso facilita na habilidade de compreender, interpretar e assimilar informações úteis para o aprendizado do indivíduo. O cérebro de uma pessoa cega funciona da mesma forma que o cérebro de uma pessoa que enxerga. O pesquisador Bradford Mahon explica: “o jeito como nosso cérebro lida com o mundo pode depender menos de nossa experiência do que acreditávamos, o que não significa que ela seja menos importante”¹³.

A habilidade de orientar-se no ambiente evolui desde a infância até a fase adulta. Quando se está na fase da infância, há uma certa dificuldade de adaptação espacial, devido à formação da consciência de localização da pessoa. A criança começa aprender a fase de orientação espacial a partir do momento que começa a captar informações presentes no ambiente pelos canais sensoriais, ou seja, a partir da percepção¹⁴.

Weishaln (1990) explica o processo de reconhecimento do ambiente¹⁵:

Percepção: captar as informações presentes no meio ambiente pelos canais sensoriais; Análise: organização de dados percebidos em graus variados de confiança, familiaridade, sensações e outros; Seleção: escolha dos elementos mais importantes que satisfaçam as necessidades imediatas de orientação; Planejamento: plano de ação, como posso chegar ao meu objetivo, com base nas fases anteriores; Execução: a mobilidade propriamente dita, realizar o plano de ação através da prática. (MACHADO, Edileine Vieira [et al], 2003, p.10)

É importante que a pessoa cega vivencie o espaço para poder compreendê-lo e poder orientar-se de forma segura. Portanto, para ir de um ponto a outro, é preciso que o indivíduo não apenas “leia” ou siga as rotas, mas que esteja alerta e orientado com relação ao destino a que quer chegar, para que, de maneira voluntária ou involuntária, forme um mapa mental do local.

¹³ <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/cerebro-de-cego-enxerga-como-o-de-pessoa-sadia-20100624.html> Acessado no dia: 03/03/2014 às 19h40min

¹⁴ GIL, Marta. Cadernos da TV Escola – Deficiência Visual. Brasília. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

¹⁵ MACHADO, Edileine Vieira [et al], Orientações e Mobilidade: Conhecimentos Básicos para a Inclusão do Deficiente Visual. Brasília. MEC. SEESP, 2003.

3.3 Tipos de acessibilidade existentes

Existem hoje diversas formas de acessibilidade para deficientes visuais. Porém, são pouco utilizadas. Pessoas com deficiência visual precisam de uma atenção especial para que consigam entender melhor o que está sendo transmitido a elas.

Os principais métodos de acessibilidades são: braille (língua brasileira de sinais), audiodescrição (da legenda oculta ou não), sistema DAISY para livros, aplicativos de celular que facilitam a navegação – tais como o TalkBack. O sistema Braille é o sistema universal na leitura para pessoas cegas, foi criado por Louis Braille em 1825. O Braille funciona da seguinte forma: são seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas, que possibilitam a formação de 63 símbolos que são utilizados em textos literários, simbologia matemática e científica, cifra musical e na informática¹⁶.

A audiodescrição permite a inclusão de pessoas com deficiência visual em meios como teatro, cinema, televisão e palestras. Esse método consiste na descrição clara e objetiva de todas as informações que é possível compreender visualmente e que não estejam no diálogo, tais como expressões faciais e/ou corporais, ambientação, figurino, efeitos especiais, mudança de tempo e espaço, leitura de créditos e títulos etc. Toda a descrição ocorre no espaço de tempo entre o diálogo e a ação. Permitindo assim, que o usuário receba a informação que há na imagem ao mesmo tempo que a ação está ocorrendo, facilitando desta forma, a interação. Apesar de ser um dos métodos de acessibilidade que auxiliem no processo de inclusão na experiência audiovisual e cênica, dados do IBGE de 2011, mostram que entorno de 16,5 milhões de pessoas com deficiência visual total e/ou parcial encontram-se excluídos. Pois, mesmo com os esforços para aumentar a acessibilidade por meio da audiodescrição, esta ainda é muito pouco utilizada¹⁷.

O sistema Daisy (Digital Accessible Information System) é um padrão que consiste em uma série de normas para a construção de livros digitais falados que possuem uma estrutura de fácil navegação, objetivando a utilização por pessoas com deficiência físicas e com dificuldade de aprendizado. O sistema Daisy para livros é disponibilizado em CD, permitindo que a pessoa cega ou com visão subnormal tenha acesso à literatura. O leitor pode visualizar o conteúdo do texto em diversos níveis de ampliação e ouvir simultaneamente em voz sintetizada. A Fundação Dorina Nowill

¹⁶ <http://www.ibc.gov.br/?itemid=10235> Acessado em: 16/03/2014 às 21h42min

¹⁷ <http://audiodescricao.com.br/ad/> Acessado em: 16/03/2014 às 21h47min

para Cegos disponibiliza gratuitamente livros com esse formato para pessoas com deficiência visual em todo o Brasil¹⁸.

O aplicativo Talback, desenvolvido pelo Google para aparelhos com sistema Android, ajuda pessoas com deficiência visual a utilizar o celular. O aplicativo oferece suporte de voz que lê em voz alta e efetua vibração a cada operação feita no aparelho. As opções são lidas simultaneamente enquanto o usuário utiliza o aparelho, mas infelizmente a fala só está disponível em inglês ou espanhol¹⁹.

Tais métodos para a inserção de deficientes visuais na comunicação são formas que dão resultados positivos. Fundações como a Dorina Nowill para Cegos ajudam bastante para que o processo acessibilidade e inclusão social no Brasil evolua de forma rápida e eficaz, mesmo que o processo ainda seja lento.

A Fundação Dorina Nowill para Cegos é uma organização sem fins lucrativos de caráter filantrópico que ao longo de seis décadas tem auxiliado no processo de inclusão social de pessoas com deficiência visual, por meio de produção e distribuição gratuita de livros braile, falados e digitais acessíveis, diretamente para pessoas com deficiência visual. A distribuição também é feita para escolas, bibliotecas e organizações de todo o Brasil. Além da distribuição de livros, a fundação oferece programas de serviços especializados a pessoas com deficiência visual e à família, nas áreas de educação especial, reabilitação, clínica de visão subnormal e empregabilidade.

3.4 Comunicação Visual e Inclusão Social

A Comunicação Visual é toda forma de comunicação que faça a utilização de elementos visuais. Segundo Baitello em seu livro *A Era da Iconofagia – Ensaios de Comunicação e Cultura*, o que denomina a comunicação nada mais é que a ponte entre dois espaços distintos. Portanto, para todo e qualquer ato de comunicação é necessário haver uma manifestação seja por meio sonoro, visual ou tátil ou todo e qualquer método que conecte os sentidos.

O uso da imagem é uma característica forte da Comunicação Visual, porém, como visto no tópico anterior, graças ao uso da Audiodescrição, é possível descrever a imagem, fazendo com que esta possa ser compreendida por todos,

¹⁸ <http://www.fundacaodorina.org.br/o-que-fazemos/livros-acessiveis/> Acessado em: 16/03/2014 às 22h07min

¹⁹ <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/s/talkback.html> Acessado em: 16/03/2014 às 22h30min

independentemente do modo de visualização. Para saber o quanto é importante a visão para o reconhecimento do mundo ao redor, basta vendar os olhos. A visão humana é responsável por fazer com que o indivíduo perceba, identifique e explore o ambiente – podendo este ter, através dela, noção de distância e relevo²⁰.

A linguagem visual é uma das mais complexas, mas também é uma das maiores referências de comunicação direta. É através da imagem que o indivíduo consegue se expressar para o meio e/ou outros indivíduos da mesma ou diferente comunidade.

Um dos grandes desafios da Comunicação Visual é conseguir ser traduzida, fazendo com que a inclusão social seja bem sucedida. Isto ocorre, pois, nem todos os canais de Televisão, voltados para a grande massa contêm o sistema de audiodescrição disponíveis. Também é difícil encontrar tal método em palestras, cinema, teatro e outros meios que necessitem deste uso.

Como a Comunicação Visual está incluída em todos os meios de comunicação disponíveis hoje, é preciso que esta tenha o auxílio de outros meios que a traduzam, tais como a audiodescrição, imagens em 3D, legendas em Braille, sistema Daisy fazendo com que a mensagem possa chegar a todos sem ser distorcida. Para isto é preciso que haja uma conscientização da importância da veiculação destes sistemas de inclusão social de pessoas com deficiência visual, em toda e qualquer forma de comunicação visual disponível.

3.5 Funcionamento da Educação Especial no Brasil

A Educação Especial procura adaptar o aluno com deficiência no meio escolar, através de um relacionamento direto entre pais e professores além de total assistência ao educando.

Para facilitar que o aluno consiga interagir com o ambiente escolar, é necessário o compartilhamento da organização dos objetos de sala de aula com o aluno, facilitando assim o acesso e a mobilidade. É preciso que as carteiras, estantes e mochilas continuem sempre na mesma organização, se houver quaisquer modificações é importante o aviso prévio.

²⁰ GIL, Marta. Cadernos da TV Escola – Deficiência Visual. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

O aluno possui o direito à usar materiais adaptados, como livros didáticos traduzidos para o Sistema Braille e o uso da reglete²¹ para escrever durante as aulas. A escola precisa ter impressoras e equipamentos adaptados para adaptação de textos em Braille, facilitando o progresso escolar do aluno²².

A alfabetização para crianças com deficiência visual deve ser feita simultaneamente ao processo de alfabetização das demais crianças da escola, utilizando o suporte do Atendimento Educacional Especializado (AEE). O Decreto 6.571, de 17 de setembro de 2008, auxilia neste processo, já que o Estado deve oferecer apoio técnico e financeiro para o atendimento especializado nas escolas públicas de ensino – para tal recurso é preciso requerimento.

O ambiente escolar deve ser totalmente adaptado com sinalizações em braile, escadas com contrastes de cor nos degraus e antiderrapantes, corredores desobstruídos, piso tátil. A área externa à escola precisa ser acessível, com instalações sonoras em locais como saída ou entrada de veículos e semáforos.

3.6 Leis para auxílio aos deficientes visuais

Existem importantes leis, decretos e portarias que regulamentam benefícios e direitos à pessoa com deficiência visual. Os principais a serem listados são: Decreto 9.045 de 18 de maio de 1995, Lei 10.048/00 de 08 de novembro de 2000, Decreto 72.425 de 03 de maio de 1973, Decreto 8.213 de 24 de junho de 1991, Decreto 6.571 de 17 de setembro de 2008 e a Portaria nº 319 do MEC de 26 de fevereiro de 1999²³.

O Decreto 9.045 de 18 de maio de 1995, autoria o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura a disciplinarem a obrigatoriedade de reprodução, pelas editoras de todo país, em regime de proporcionalidade, de obras traduzidas no Sistema Braille, e permitir a reprodução (sem finalidade lucrativa) de obras já divulgadas para uso exclusivo de pessoas com deficiência visual. Tal decreto ajuda na inserção de pessoas cegas no âmbito educacional e cultural, proporcionando um avanço importante para a inserção social dessas pessoas. Assim como o Decreto 8.213 an. 93 de 24 de junho de 1991, que obriga empresas, com cem ou mais empregados, a

²¹ Instrumento para escrita em Braille

²² <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/deficiencia-visual-inclusao-636416.shtml>
Acessado em: 01/04/2014 às 14h34min

²³ Fonte: Instituto Benjamin Constant – IBC.

preencher de dois a cinco por cento dos seus cargos com beneficiários ou pessoas portadoras de deficiência.

A Lei 10.048/00 de 08 de novembro de 2000 dá prioridade de atendimento às pessoas portadoras de deficiência, idosos com idade superior a 65 anos, gestantes, lactantes e pessoas acompanhadas por crianças de colo. Essa lei auxilia o rápido atendimento a pessoas com deficiência e proporciona um conforto maior à estas pessoas.

O Decreto 72.425 de 03 de maio de 1973 cria no MEC o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, responsável pelo gerenciamento da educação especial no Brasil. A criação do CENESP impulsionou ações educacionais voltadas para as pessoas com deficiência e às pessoas com superdotação. Tal processo teve um importante avanço em 2001 com a Resolução CNE/CEB nº2/2001, artigo 2º, que determina:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP,2001).

A Portaria nº319 de 26 de fevereiro de 1999 auxilia na política de diretrizes e normas para uso, o ensino, a produção e a difusão do Sistema Braille, em todas as modalidades de aplicação, compreendendo especialmente o ensino da Língua Portuguesa, Matemática e outras Ciências, a música e a informática.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (Item IV, Portaria nº948/2007, MEC).

O Decreto 6.571 de 17 de setembro de 2008 obriga ao Estado oferecer apoio técnico e financeiro para que o atendimento especializado seja oferecido em toda a rede pública de ensino.

4 MELHORAMENTO DA COMUNICAÇÃO VISUAL

4.1 O Desafio da Comunicação Visual

O desafio da Comunicação Visual é o de viabilizar a interpretação das mensagens, mesmo que não seja possível a visualização real da imagem. Ao longo deste trabalho foi possível perceber que o entendimento da imagem varia de acordo com a interpretação do indivíduo e que esta é muito importante para a comunicação.

A imagem fotográfica depende da percepção do indivíduo enquanto expectador, transmutador e tradutor da informação que está contida na mesma. Para que não haja distorção do princípio da imagem fotográfica é preciso que a informação seja dada por completo e tenha fácil compreensão por parte de quem a recebe.

Mas a dissociação de ideias pode ocorrer ao longo da tradução da fotografia de acordo com o entendimento do indivíduo. Para portadores de Deficiência Visual, a informação pode vir destorcida dependendo de como ocorra a tradução ou do meio pelo qual consegue perceber o ideal fim. É importante que os métodos de tradução utilizem a captação de outros sentidos como auxílio da descrição. Facilitando e aproximando o receptor o mais próximo possível do ideal imagético do objeto de observação.

4.2 Exemplos de melhoramento para acessibilidade da Comunicação Visual

Para entender que é possível haver um melhoramento da Comunicação Visual adequado e de forma acessível aos portadores de deficiência visual, segue abaixo exemplos de locais adaptados para este público.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo, pertencente à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, foi fundada em 1905. É um museu de artes visuais que realiza cerca de 30 exposições ao ano, com ênfase na produção brasileira do século XIX até a contemporaneidade²⁴.

O foco do trabalho da Pinacoteca é o aprimoramento da experiência do público com as artes visuais por meio do estudo e uma comunicação adequada para melhor compreensão das obras.

²⁴<http://www.pinacoteca.org.br/pinacotecapt/default.aspx?mn=534&c=1004&s=0&friendly=institucional&video=true> Acessado em: 22/03/2014

O museu é um grande exemplo de melhoramento da Comunicação Visual por contar com um Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado, que através do Programa Educativo para Públicos Especiais – PEPE, promove exposições voltadas para a inclusão social de portadores com Deficiência Visual. Dois exemplos de suas exposições inclusivas são a Galeria Tátil e a Exposição de Arte em 3D.

A Galeria Tátil foi projetada através de uma análise produzida depois de indicações do público com deficiência visual que participaram de visitas orientadas ao acervo do museu ao longo dos últimos 5 (cinco) anos, ou seja, desde 2009. Resultando na seleção de 12 esculturas táteis de bronze que contém diversas dimensões, formas, texturas e diversidades estéticas que facilitam a compreensão e apreciação artística das obras. Todo o percurso de visitação contém piso tátil para facilitar a mobilidade, além de recursos técnicos como folders, catálogos de dupla leitura (tinta e Braille) e autoguias para facilitar a compreensão²⁵.

A Exposição de Arte em 3D contou com 14 fotografias de pinturas de artistas brasileiros que tiveram tradução em 3D – maquetes detalhadas projetadas para uso tátil. Mesmo quem não era portador de deficiência visual poderia fazer parte da experiência através do uso de uma máscara. Este projeto teve como foco estimular as pessoas não portadoras de deficiência visual a verem a exposição utilizando outros sentidos²⁶.

4.3 Grupo Focal e Entrevista

4.3.1 Grupo Focal

O grupo focal e a entrevista foram meios de conseguir aproximar o trabalho teórico da realidade das pessoas portadoras de deficiência visual. Desta forma, foi possível analisar a importância do melhoramento da comunicação visual como meio de inserção e inclusão social. A metodologia inserida no grupo focal foi a utilização de câmeras fotográficas tanto para obtenção de vídeo de todo o processo, quanto de captação de imagens produzidas pelos entrevistados. Foram utilizados objetos para análise como folhas de morango e de amora, e massinhas de modelar para a

²⁵<http://www.pinacoteca.org.br/pinacotecapt/default.aspx?c=exposicoes&idexp=1086&mn=537&friendly=Exposicao-Galeria-Tatil> Acessado em 22/03/2014

²⁶ <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/01/exposicao-de-arte-em-3d-permite-que-cegos-apreciem-obras-de-brasileiros.html> Acessado em 14/02/2014

produção livre. Também foi utilizada música ambiente para a produção de um ambiente livre de interferência externa que ajudasse na criatividade para a produção livre das massinhas de modelar. Houve o cuidado de não utilizar palavras que complicassem o entendimento das questões e atividades a serem produzidas, uso de materiais que facilitassem a captação do sentido tátil e sonoro, aviso de que haveria captação da imagem dos entrevistados por meio de vídeo (para uso de fins acadêmicos) e exposição de tudo o que foi produzido por eles para fins de análise.

O grupo focal foi realizado dentro do CEEDV – Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais, perante autorização da Regional de Ensino do Distrito Federal. Houve a presença de 4 (quatro) adultos entre a faixa etária de 25 a 47 anos, 3 (três) homens e 1 (uma) mulher. As deficiências apresentadas por eles eram: glaucoma de hiperdia diabética, catarata congênita, toxoplasmose congênita.

A sala disponibilizada para a efetivação do grupo focal era pequena, mais parecia uma sala de artes visuais, devido à grande quantidade de materiais estocados nela. Os entrevistados ficaram sentados na posição de um semicírculo, para que facilitasse a gravação de todo o processo. Foi utilizada uma câmera D3100 para fazer as filmagens e depois emprestar para que eles fotografassem. Também foi feito o uso de massinhas de modelar e música da compositora Enya, para ver como eles se comportavam no uso outros sentidos para facilitar a compreensão e aprimoramento da atividade. Eduardo Carvalho, 28 anos, auxiliou produzindo a filmagem de toda a entrevista e das atividades práticas. A entrevista durou 2h20min. O roteiro produzido para as questões e atividades a serem produzidas ao longo do grupo focal (que seguem via apêndice), conteve quatro questões a respeito da comunicação visual, conectando com a fotografia e sua importância e três atividades para exemplificar as questões.

A primeira questão foi a respeito do que é a fotografia e como os portadores de deficiência visual lidam com a mesma. Na primeira questão houve certo desconforto por parte dos entrevistados de responder a questão. O desconforto foi perceptível devido aos gestos corporais produzidos, como ajeitar-se na cadeira e risos amarelados, tal desconforto foi devido à falta de conexão dos entrevistados com a fotografia e os meios que esta utiliza. A princípio eles falaram mais da questão técnica da fotografia e o uso de tecnologia para facilitar a visualização. A fotografia é tida como um meio digital e impresso utilizado para a comunicação ou por hobbies, mas que depende da descrição para haver compreensão. A pessoa que pode enxergar antes

de tornar-se deficiente, como foi o caso de um dos entrevistados, consegue ter uma memória visual que facilita a compreensão, porém, ainda assim é importante que haja a descrição da imagem ou meios que facilitem a compreensão. Também foram expostas questões de definição e ampliação da imagem, ou seja, tecnologias que facilitem pessoas com baixa visão a terem acesso à imagem.

A segunda questão tratou da importância da imagem para as pessoas com deficiência visual. Nesta pergunta não houve desconforto em responder a questão, ao contrário tiveram muito interesse em responder. A imagem é importante mas, para que seja acessível, depende de fatores como: áudio descrição, exploração de outros sentidos (tato, olfato, audição), ajuste de resolução, uso de contraste e organização dos itens na fotografia (é preciso que tudo esteja bem definido).

“Bom ela é importante sim. Para mim, ela é importante (a imagem) mas, às vezes, a imagem, por exemplo numa propaganda é colocado tudo em imagem. Só que a pessoa que não enxerga ela não vai poder ter acesso, porque expressa-se tudo em imagem na TV. Na TV, às vezes, é mostrado uma propaganda e fala de um determinado produto, mas não fala o sentido do uso. Portanto, é importante até certo ponto mas, quando ela é descritiva é importante o uso de outros sentido para enriquecer a descrição da imagem”. VITORINO, E. G., 25 anos.

A terceira questão é a respeito do áudio descrição e da importância deste meio para a inclusão. Nesta questão o ponto mais comentado é da importância do profissional que for fazer a áudio descrição estar bem preparado, ou seja, tem noção dos tipos de deficiência visual e de como se comunicar com cada uma delas. Todos os entrevistados expuseram que nem sempre encontram bons locutores para passar a ideia e a descrição da imagem. É preciso que o profissional tenha domínio do conteúdo da imagem e da contextualização da mesma para facilitar a compreensão. A sugestão dada pelos entrevistados é que profissionais da fotografia participem do processo de descrição e/ou auxiliem no processo de treinamento dos profissionais de áudio descrição.

“Acho que no seu caso, que é fotógrafa, você sabe bem como é que é a imagem. Sabe lidar melhor com isso do que outro tipo de pessoa que não mexe com isso, não tem conhecimento da imagem. Então, acho que seria mais fácil”. VITORINO JUNIOR, I., 28 anos.

A quarta questão trabalhou a respeito da inclusão social nas exposições. Os entrevistados mostraram-se interessados na questão, mas foi perceptível a falta de

lembrança das exposições por falta de inclusão social. As maiores críticas foram a falta de preparo dos profissionais e de meios inclusivos para portadores de deficiência visual. Para este público é importante que haja uma adaptação de todo o projeto da exposição para cada tipo de deficiência visual. Desde a ampliação das plaquetas com tradução dos textos em Braille, piso tátil ao longo de toda a exposição para facilitar o acesso em todas as áreas, visita supervisionada (contanto que haja preparo dos profissionais), áudio descrição e panfletos com dupla tradução (texto e Braille).

“Eu fui na do Aleijadinho (exposição produzida no CCBB). Eu lembro que tinham pessoas do meu lado, então as imagens davam para “mim” ver, porque eram grandes. Quanto a questão das placas, quando as letras são muito miúdas, tem que ter alguém para ficar lendo, explicando. Este tipo de detalhe já dificulta para a gente. A não ser que eu leve uma telupeta que dá para enxergar de longe. Quem não tem, como a maioria, isso dificulta”. OLIVEIRA, A. C. B de, 34 anos.



Figura 1 - imagem utilizada para descrição no grupo focal

Logo após o ciclo de questões e discussão do que é a imagem e a sua importância, foram produzidas 3 (três) atividades com os entrevistados. A primeira consistia na descrição de uma fotografia que produzi (segue em apêndice) utilizando, além da fala, os materiais que utilizei para produzir a imagem. Os materiais eram um cachecol de lã azul, uma folha ressecada e outra nova de pé de amora. Descrevi as cores, a textura do cachecol e qual posição utilizei para a captura da fotografia. Passei para cada um deles tatear o cachecol e as folhas. Mostrei a diferença de efeito tátil entre a folha nova de amora quanto a ressecada. Além de colocar a folha e o cachecol na mesma posição pela qual foram fotografados, para que cada um pudesse ter a real

noção de como a imagem foi produzida. Quando a imagem foi descrita e logo após mostrados os materiais, e como foi feita a imagem, foi perceptível que houve uma facilitação da compreensão da imagem por meio do uso de outros sentidos. Os mesmos mostraram-se mais interessados pela fotografia depois de todo este processo de percepção por meio de outros sentidos.

A segunda atividade era anexo da primeira, ou seja, a partir da descrição e produção a partir de outros sentidos, os entrevistados teriam de produzir uma modelagem de massinha com o que fosse formado na mente deles. Ao longo do processo de modelagem, utilizei como marcador de tempo 3 (três) músicas da cantora Enya em volume ambiente. O critério instrumental para a escolha deste estilo musical, é devido a atmosfera calma que a música transmite para o receptor. A ideia de utilizar uma música calma deu certo, cada um deles produziu diversas modelagens desde temas voltados para a natureza, o abstrato e a inclusão social. Percebi que aqueles que possuíam baixa visão tiveram maior facilidade para criar um processo criativo, ao contrário do que possuía cegueira total. Para o entrevistado com cegueira total tive de utilizar uma massa de modelar diferenciada, ou seja, com uma consistência mais mole para facilitar o manejo do material. A escolha das massinhas de modelagem foi a partir da sensibilidade de entender que, se o indivíduo não pode ter a total noção da figura através da visão os meios que ele utilizará para fazer a atividade precisam facilitar e não dificultar o processo criativo do mesmo. Por isto, a escolha de uma massinha de modelar mais dura e outra mais maleável.

A última atividade era a reprodução da minha fotografia, utilizando folha de pé de morango. Antes de fotografar dei para cada um a folha e deixei que eles explorassem o objeto. Após isso, passei de mão em mão a minha máquina fotográfica explicando de modo superficial como funcionava o processo na máquina e como eles fariam para fotografar. Cada um tirou duas fotos da folha e uma foto de qualquer ângulo da sala que quisessem. Ao fim desta atividade, pedi para que o entrevistado portador de cegueira total tentasse reproduzir uma fotografia similar à que descrevi para eles. O resultado (segue em anexo ao apêndice) foi muito positivo, foi possível perceber que há um interesse muito grande em entender o processo de criação da imagem e como isso facilitaria a compreensão.

Ao fim das questões e das atividades, foi possível perceber que a imagem fotográfica é muito importante para a comunicação visual, até mesmo para os portadores de deficiência visual – desde a cegueira total à baixa visão. Mas, é

importante que haja um remodelamento da comunicação visual para a facilitação da compreensão. Tal remodelamento deve ser feito a partir da adaptação de locais públicos, adaptação de exposições e meios visuais, melhor preparo dos profissionais para que haja inclusão social dos portadores de deficiência visual.

4.3.2 Entrevistas

As entrevistas foram feitas com duas pessoas adultas (um homem e uma mulher), na faixa etária de 22 a 36 anos. Um dos entrevistados é funcionário da ANVISA e outro é aluno do UniCEUB. Ambos quiseram participar da entrevista por espontaneidade. Tal entrevista foi produzida via e-mail, devido a indisponibilidade de tempo, tanto dos entrevistados quanto minha. Foram feitas 7 (sete) perguntas que, assim como o grupo focal, tiveram foco na comunicação visual conectando com a fotografia e a sua importância (segue em apêndice). As deficiências apresentadas por eles eram: Neuropatia congênita de Leber (Síndrome de Leber) e catarata congênita seguida de visão monocular.

A primeira questão fala sobre a inclusão nos meios de Comunicação Visual, com foco na fotografia, no Brasil e o que faltam para se tornarem inclusivos. O entrevistado número 1 diz que a comunicação visual no Brasil não é inclusiva, funcionam apenas para pessoas que possuem capacidade plena de visão. O mesmo diz que não consegue visualizar uma melhora, uma vez que os aparelhos celulares e máquinas digitais possuem visores que impossibilitam a visualização da imagem por não terem tamanhos compatíveis, em sua grande maioria, com a necessidade dos portadores de baixa visão. O entrevistado número 2 acredita que a Comunicação Visual criada por profissionais da respectiva área recebem um tratamento ingrato em relação ao tempo gasto para todo o processo de criação das peças. Indaga que o profissional desta área precisa ter uma acuidade singular, ou seja, uma visão única e perspectiva totalmente diferente de qualquer outra pessoa para que o trabalho seja bom. Para o mesmo, a comunicação visual não possui meios inclusivos, ao contrário, existe falta de consideração por parte dos clientes e do mercado em si.

A segunda questão trata do distanciamento da fotografia para portadores com deficiência visual e como eles lidam com isso. O entrevistado número 1 diz que a fotografia é uma realidade distante. Em aparelhos como o celular, por ter em a tela muito pequena, não se consegue visualizar o que os amigos e/ou familiares mostram,

dificultando assim a interação com outras pessoas. O mesmo ocorre nas máquinas digitais e em fotografias impressas em tamanho normal (10x15), não é possível enxergar os detalhes da fotografia. Só é possível conseguir visualizar com clareza as imagens quando é transferido para o computador e com o zoom é possível entender o que está ali exposto. Neste sentido, o entrevistado se diz excluído das conversas e da interação com as pessoas. O entrevistado número 2 não vê distância, visto que a deficiência visual nunca limitou as pessoas a tal ponto, considerando o fato do crescimento contínuo do avanço tecnológico e da ciência no que tange às lentes corretivas, cirurgias etc. Para o mesmo é uma área que nunca parou para pensar o quanto o afeta, portanto, mostra-se indiferente ao caso.

“Não vejo porque seria distante, visto que a deficiência visual nunca limitou as pessoas a tal ponto, ainda mais considerando o crescente desenvolvimento da ciência no que tange às lentes corretivas, cirurgias, etc. Sinceramente, é uma área que nunca parei para pensar como me afeta, então sou indiferente ao caso”.
Entrevistado número 2.

A terceira questão é a respeito das exposições, se há métodos de inclusão ou não. O entrevistado número 1 diz que nunca foi a uma exposição fotográfica ou museu com quadros, pois estar presente em um ambiente totalmente visual é muito triste e cansativo para quem não enxerga direito. Desta maneira, evita esses tipos de lugares desde que perdeu a visão. Acredita que para esses locais serem acessíveis, é necessário um meio áudio descritivo e tátil para facilitar a compreensão dos portadores com deficiência visual. O entrevistado número 2 nunca foi pessoalmente a uma exposição, mas por meio da internet já viu inúmeros trabalhos de conhecidos ou amigos que são atuantes da área. O mesmo entende que a exposição possui uma forma única de repassar sentimentos que aguçam a imaginação de forma mais fértil do que as palavras. Sobretudo para o sexo masculino, que é um tanto mais visual do que as mulheres.

“Nunca fui a uma exposição fotográfica ou museu com quadros, pois estar presente em um ambiente totalmente visual é muito triste e cansativo para quem não enxerga direito. Desta maneira, evito esse tipo de lugar desde que perdi a visão. Para que esses locais fossem acessíveis, seria necessária uma pessoa em cada obra explicando os detalhes para os deficientes visuais, mostrando a eles com o áudio e por vezes com o tato, como é aquela obra”. Entrevistado número 1.

Na quarta questão trata-se sobre a descrição por fala e como é a eficácia. O entrevistado número 1 diz que a tradução e imagens por pessoas é eficaz, mas é preciso um certo treino, pois nem todas as pessoas possuem vocação para transmitir em voz tudo o que se vê em uma tela, quadro, fotografia ou outdoor. Também explica que quanto mais detalhista, explicando com ênfase tudo o que está exposto auxilia ainda mais na compreensão. Portanto, a eficácia da tradução por fala depende da competência do tradutor. O entrevistado número 2 acredita que a tradução da imagem por fala não é eficiente, pois quebra a essência que se pretende passar ao receptor. Para o mesmo não se deve ser explicada a imagem, mas sim, descoberta. Seja isso feito por meio de outros sentidos e não pela fala.

A quinta questão questiona os defeitos da comunicação visual para os portadores de deficiência visual. O entrevistado número 1 acredita que quanto maior for o detalhamento, menos a imagem é perceptível aos olhos de uma pessoa com baixa visão. Portanto, a riqueza de detalhes não é um ponto positivo. O entrevistado número 2 acredita que os pontos negativos da comunicação visual sejam conectados talvez ao fato de alguns profissionais que atuam nesta área usufruírem de coisas apelativas para chamar atenção, como cores gritantes, ao invés do atributo criativo e inovador.

A penúltima questão tem como foco o melhoramento da comunicação visual, se é possível ou não e como isso seria possível. O entrevistado número 1 acredita que haja condições, mas seria preciso uma mobilização geral, envolvendo todos. Ao exemplo de uma exposição, deveria haver uma pessoa especializada em descrever as imagens para quem pouco enxerga ou não enxerga. Já para o caso de fotografias impressas ou formatos digitais, não consegue imaginar alguma solução para amenizar o problema da exclusão, já que o mundo está cada vez mais informatizado, digitalizado. O entrevistado número 2 acredita que o melhoramento não é necessariamente na Comunicação Visual em si, mas sim nos receptores ou destinatários desta.

“Acredito que haja condições sim, mas seria preciso uma mobilização geral, envolvendo todos. Em uma exposição, por exemplo, deveria haver uma pessoa especializada em descrever as imagens para quem pouco enxerga. Fora isso, no que se refere a fotografias impressas ou em formato digitais, não consigo imaginar alguma solução para amenizar o problema da exclusão, já que o mundo está cada vez mais informatizado, digitalizado”. Entrevistado número 1.

Por fim, a última questão trata sobre o fotógrafo Evgen Bavcar e se o trabalho dele é conhecido. O entrevistado número 1 diz que nunca havia ouvido falar, e que em pesquisa no Google descobriu que se tratava de um fotógrafo cego. Acha impressionante não só o fato de Bavcar fotografar, mas a forma como ele identifica as imagens que fotografou. O entrevistado número 2 não conhece o trabalho do fotógrafo Bavcar. Concluiu que infelizmente as pessoas não têm o devido acesso a trabalhos como o de Bavcar, que mostram que é possível ter outros tipos de interpretação sobre temas comuns a partir de outros meios.

Evgen Bavcar nasceu na Eslovênia, em 1946. Portador de deficiência visual, possui uma forma diferente de interpretar o mundo. Perdeu a visão aos 12 anos de idade, devido a dois acidentes. Doutor em Filosofia, Estética e História pela Universidade de Sorbonne. Desenvolveu o seu trabalho a partir da memória fotográfica que construiu até os 12 anos de idade. Todas as suas obras possuem forte expressão no preto e branco. Todas as questões e atividades propostas nesta etapa são baseadas em suas obras e em sua forma de expressar o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O melhoramento da comunicação visual para portadores de deficiência visual é algo que precisa ser feito para que haja uma conscientização da existência deles como consumidores e inclusão social. Pois, mesmo que não possam ter a capacidade da visão, consomem os mesmos produtos que a grande maioria da população mundial. Tal melhoramento consiste na produção de meios onde haja exploração dos sentidos: tato, olfato, audição e até por vezes o paladar. A exploração dos sentidos pode auxiliar numa construção de percepção diferenciada que possibilite ao portador de deficiência visual consiga o entendimento do que a imagem propõe.

A tecnologia avançada auxilia bastante na construção da percepção pelos sentidos, mas é preciso que profissionais da área de comunicação visual se adaptem a essa realidade, para que consigam ampliar a rede mercadológica, a fim de que seja possível atingir a este público de maneira inclusiva. A audiodescrição, meio bastante utilizado para tradução da imagem, precisa ser melhorada. É preciso ter emoção e um detalhamento completo sobre tudo o que está na imagem, ou seja, desde pequenos detalhes até a estrutura como um todo.

O propósito do trabalho de conclusão de curso foi alcançado, mostrando que de fato há a necessidade do melhoramento da comunicação visual como meio facilitador de inserção e inclusão social. Ao longo do trajeto teórico do trabalho, ampliou-se os horizontes do que é a deficiência visual e de como isso afeta o cotidiano dessas pessoas. Assim, foi possível perceber que há diversas formas de perceber o ambiente que não dependam somente da visão, mesmo que está seja um grande auxílio.

Através do grupo focal e das entrevistas, foi possível entrar um pouco mais nesta realidade do uso de outros sentidos para a compreensão do meio. O grupo focal teve uma importância grandiosa para a conclusão do trabalho, pois além da ampliação dos horizontes, foi possível entender que estas pessoas precisam ser vistas, compreendidas. E para que haja esta compreensão é preciso que além do entendimento dos diversos tipos de doenças visuais, é preciso haver a inserção da compreensão da importância da inclusão social e do quanto isso propiciaria numa melhora do emocional destas pessoas.

O tato é a forma como a qual conseguem perceber o mundo ao redor. Há a utilização de outros sentidos para exploração do ambiente, como a audição, olfato e

paladar. Porém o sentido tátil ainda é o que mexe com emocional deles, é o que consegue tocá-los de maneira a modificar suas expressões corporais e faciais. Durante todo o processo do grupo focal a parte em que foi possível perceber a importância do tato foi na atividade de modelagem e na fotográfica. A modelagem, com o auxílio da música calma ao fundo, conseguiu relaxá-los a ponto de concentra-los apenas naquele objeto em questão. Já na atividade de produção de fotos, a curiosidade pelo primeiro contato com a máquina fotográfica foi sensacional. O cuidado pelo qual pegavam a câmera em contradição com a demasiada ansiedade em fotografar e aprender a lidar com aquele objeto foi realmente emocionante.

Inicialmente as dificuldades foram com o objeto de pesquisa. Teve de ser modificado para chegar ao tema atual. Anteriormente, o tema retratava a forma como as pessoas percebem a fotografia publicitária e como isso afeta o seu cotidiano. Porém, tal tema já estava sendo muito explorado. Desta forma, procurei retratar o outro lado, como portadores de deficiência visual percebem a fotografia, como a fotografia os afeta. Até chegar ao tema final Melhoria da Comunicação Visual para Portadores de Deficiência Visual. A segunda dificuldade durante o percurso do trabalho foi a burocracia para conseguir a liberação de produção do grupo focal no CEEDV – Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais. Além de não conseguir produzir uma entrevista com o representante do projeto Alfabetização Visual, devido a desencontros de agenda.

Durante todo o trabalho foi relatado o processo de percepção da imagem e o quanto isso pode afetar o processo imaginativo e descritivo de uma pessoa. Demonstrei o quanto a imagem é importante para a comunicação visual, até mesmo para portadores de deficiência visual.

Há meios de tradução da imagem que consigam chegar o mais próximo possível de sua real essência. Porém, tais métodos estão sendo ineficazes para a descrição da imagem e transmissão do conhecimento para aqueles que, ou não podem ver, ou não veem com riqueza de detalhes. É preciso um aprofundamento dos sentidos, principalmente do tátil, para que haja melhor compreensão do objeto a ser explorado.

Ainda há muito o que melhorar para que haja a inclusão social dessas pessoas. O que sugiro para trabalhos posteriores é que, além da continuidade de pesquisas para a área de Comunicação Visual, sem que haja o afunilamento dos diferentes tipos de doenças visuais. Já que não seria um método prático de orientação de pesquisa,

pois além de criar uma espécie de discriminação haveria tamanha quantidade de variáveis que ao invés de produzir grupos focais, seriam diversas entrevistas. E haja a ampliação deste melhoramento para áreas além das humanas, como por exemplo, tradução de laudo de exames para Braille fazendo com que seja possível que os portadores de deficiência visual consigam entender os próprios exames.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAITELLO JUNIOR, Norval, *A Era da Iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo. Ed. Hacker, 2005.
- BARTHES, Roland, *Aula*. 12ª Edição. São Paulo. Ed. Cultriz, 2004,
- BARTHES, Roland, *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1984.
- CANEVACCI, Massimo, *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2001.
- DONDIS, Donis A., *Sintaxe da Linguagem Visual*, 2ª Edição. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1997.
- DUBOIS, Philippe, *O ato fotográfico e outros ensaios*, 2ª Edição. Campinas. Ed. Papyrus, 1993.
- GAIARSA, José Angelo, *O Olhar*. 3ª Edição. São Paulo. Ed. Ágora, 2009.
- GIL, Marta, *Cadernos da TV Escola: Deficiência Visual*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância, 2000.
- GOFFMAN, Erving, *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 3ª Edição. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan, 1980.
- HUGONNIER-CLAYETTE, S., *As Deficiências Visuais: deficiências e readaptação*. São Paulo. Ed. Manole, 1989.
- JOLY, Martine, *Introdução à Análise da Imagem*, 4ª Edição. Campinas. Ed. Papyrus, 1996.
- KOSSOY, Boris. *Realidade e Ficções na Trama Fotográfica*. 3ª Edição. São Paulo. Ed. Ateliê Editorial, 2002.
- MACHADO, Edileine Viera [et al], *Orientações e Mobilidade: Conhecimentos Básicos para a Inclusão do Deficiente Visual*. Brasília. MEC. SEESP, 2003.
- MONTAGU, Ashley, *Tocar: O significado Humano da Pele*. 7ª Edição. São Paulo. Ed. Summus Editorial, 1986.
- PIERCE, Charles S., *Semiótica*. São Paulo. Ed. Perspectiva S.A., 2000.

SÁ, Elizabet Dias de [et al], *Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual*. Brasília. SEESP. SEED. MEC, 2007.

SOARES, Vilmabel, *Dinâmica de Grupo e Jogos: psicodrama, expressão corporal, criatividade, meditação, artes*. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2012.

<http://www.acessobrasil.org.br/software/dirceEditor.html> Acessado em: 16/03/2014 às 22h03min

<http://audiodescricao.com.br/ad/> Acessado em: 16/03/2014 às 21h47min

<http://www.bengalalegal.com/deficiencia-visual> Acessado em: 03/03/2014 às 19h40min

http://elidatessler.com/textos_pdf/textos_artista/even.pdf Acessado em: 05/05/2014 às 8h34min

<http://www.fundacaodorina.org.br/o-que-fazemos/livros-acessiveis/> Acessado em: 16/03/2014 às 22h07min

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/01/exposicao-de-arte-em-3d-permite-que-cegos-apreciem-obras-de-brasileiros.html> Acessado em: 14/02/2014 às 15h43min

<http://www.ibc.gov.br/?itemid=10235> Acessado em: 16/03/2014 às 21h42min

<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/cerebro-de-cego-enxerga-como-o-de-pessoa-sadia-20100624.html> Acessado no dia: 03/03/2014 às 19h40min

<http://www.pinacoteca.org.br/pinacotecapt/default.aspx?mn=534&c=1004&s=0&friendly=institucional&video=true> Acessado em: 22/03/2014 às 17h54min

<http://www.pinacoteca.org.br/pinacotecapt/default.aspx?c=exposicoes&idexp=1086&mn=537&friendly=Exposicao-Galeria-Tatil> Acessado em: 22/03/2014 às 18h10min

<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/deficiencia-visual-inclusao-636416.shtml> Acessado em: 01/04/2014 às 14h34min

<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/s/talkback.html> Acessado em: 16/03/2014 às 22h30min

7 APÊNDICE

7.1 Roteiro do Grupo Focal

Questões:

1. O que é a fotografia para vocês? Como vocês lidam com a fotografia?
2. Como lidam com a imagem?
3. Vocês encontram dificuldade na compreensão da imagem através da tradução por fala?
4. Alguém já foi a uma exposição de arte? Onde? Vocês se sentiram incluídos? Houve facilidade de compreensão a respeito do tema da exposição?

Atividades:

1. Descrição fotográfica: (vou levar a folha de amora e o meu cachecol que usei para fazer a foto e vou simular neles como tirei a foto).
2. Com a descrição da imagem acima, utilizando uma música calma de fundo, vou pedir para eles irem modelando a massinha.
<https://www.youtube.com/watch?v=i7MLT4MmAK8>
<https://www.youtube.com/watch?v=f3fHDt4xQFw>
<https://www.youtube.com/watch?v=rfOrplg80MM>
<https://www.youtube.com/watch?v=mm-sbOH-nEc>
3. Momento onde irei passar de mão em mão a câmera fotográfica, para ensinando para cada um o processo de captação da imagem e como será feito para produzir as fotos. Depois, cada um irá fotografar as folhas de morango que disponibilizei.

7.2 Roteiro da Entrevista

1. Faça uma pequena introdução sobre você com as seguintes informações: nome completo, idade, qual tipo de deficiência visual e q quanto tempo a possui, onde trabalha/ estuda.
2. O que acha dos meios de Comunicação Visual no Brasil? São inclusivos? O que falta?
3. A fotografia ainda é um meio visual distante para portadores de Deficiência Visual? Como lida com isso?

4. Já foi à alguma exposição fotográfica? Onde? Acha que as exposições possuem métodos inclusivos?
5. A tradução verbal da imagem por pessoas é eficaz? Como você sente isso?
6. Quais as principais falhas da Comunicação Visual para você?
7. Há condições do melhoramento da Comunicação Visual no Brasil? O que você sugere?
8. Conhece o trabalho de Evgen Bavcar? O que acha da interpretação da imagem feita por ele?

7.3 Respostas do Entrevista Número 1

1. Me chamo C. G. de O., tenho 36 anos e moro em Brasília-DF. Em 2006, ou seja, há quase 8 anos, perdi minha visão quase que completamente. Possuo 9% de visão, o que me permite ver apenas vultos. Além disso, não consigo diferenciar algumas cores. Minha doença se chama Neuropatia congênita de Leber, ou simplesmente Síndrome de Leber (caso queira pesquisar sobre a doença) e é hereditária. Trabalho na Anvisa, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, desde 2007, onde passei no concurso (cargo de Técnico Administrativo), nas vagas destinadas aos portadores de necessidades especiais.

2. Os meios de comunicação visual no Brasil, no caso específico, a fotografia, não são inclusivos, pois só funcionam para quem realmente enxerga. Não consigo imaginar uma solução para este caso, uma vez que os aparelhos de celular e as máquinas digitais possuem visores bem pequenos, impossibilitando a visualização por pessoas de baixa visão.

3. Em meu caso, as fotografias são uma realidade um pouco distante. No que se refere a fotos em celular, não consigo ver as fotografias que me mostram nos aparelhos, a não ser com uma lupa de mão. Além disso, nas câmeras fotográficas digitais, o mesmo ocorre, não consigo ver o que está no visor. Só consigo visualizar fotografias quando envio as fotos para o computador e consigo ampliá-las com a lupa do Windows ou com o mouse. Fotografias impressas em tamanho normal (10x15) também são muito difíceis de ver, pois não consigo enxergar os detalhes. Lidar com essa realidade não é fácil, pois muitas vezes, nos meios sociais, as pessoas tiram e

veem fotos e eu fico de fora, pois sabem que mostrar fotos ou vídeos para mim em celulares é inútil.

4. Nunca fui a uma exposição fotográfica ou museu com quadros, pois estar presente em um ambiente totalmente visual é muito triste e cansativo para quem não enxerga direito. Desta maneira, evito esse tipo de lugar desde que perdi a visão. Para que esses locais fossem acessíveis, seria necessária uma pessoa em cada obra explicando os detalhes para os deficientes visuais, mostrando a eles com o áudio e por vezes com o tato, como é aquela obra.

5. Sim, a tradução de imagens por pessoas é eficaz, mas é preciso um certo treino, pois nem todas as pessoas possuem esse dom, essa vocação para transmitir em voz tudo que se vê em uma tela, quadro, fotografia ou outdoor. Algumas pessoas são mais detalhistas, explicam com ênfase tudo que está exposto; outros nem tanto. Enfim, sendo essa pessoa competente para relatar o que está exposto, essa tradução é sim bastante eficaz.

6. Nunca pensei sobre isso, mas acho que talvez seja a riqueza de detalhes que os olhos não captam. Quanto mais detalhes, menos a imagem é perceptível aos olhos de uma pessoa com baixa visão.

7. Acredito que haja condições sim, mas seria preciso uma mobilização geral, envolvendo todos. Em uma exposição, por exemplo, deveria haver uma pessoa especializada em descrever as imagens para quem pouco enxerga. Fora isso, no que se refere a fotografias impressas ou em formato digitais, não consigo imaginar alguma solução para amenizar o problema da exclusão, já que o mundo está cada vez mais informatizado, digitalizado.

8. Nunca havia ouvido falar nele. Em pesquisa no Google que descobri que se trata de um fotógrafo cego. É realmente impressionante não só o fato dele fotografar em si, mas a forma como ele identifica as imagens que fotografou. Pedir para pessoas usarem sinos para que ele ouça e possa fotografar na direção certa é realmente fantástico. Em algum lugar li que ele fotografa com a alma e acredito ser dessa maneira mesmo, uma sensibilidade apurada, algo surpreendente para alguém que não enxerga.

7.4 Respostas do Entrevista Número 2

1. Meu nome é A. G. D. R., no auge dos 22 anos e minha deficiência visual se encontra no CID H54.4, ou seja, visão monocular. Tenho total ausência de visão no olho direito e enxergo bem do olho esquerdo, embora com grau residual de miopia e astigmatismo. Possuo a deficiência, de certa forma, desde que nasci, visto ter nascido com catarata congênita. No entanto, só perdi a visão realmente aos 11 anos de idade em um jogo de futebol.

2. Assim como muitas profissões que integram o mercado de trabalho, acredito que a Comunicação Visual criada por profissionais da respectiva área recebem um tratamento ingrato em contrapartida ao tempo de dedicação, empenho, disciplina e, sobretudo, “visão” do empreendimento ali efetuado. O profissional desta área precisa ter uma acuidade singular, uma visão única e perspectiva totalmente diferente de qualquer outra pessoa para um trabalho bem feito. No fim, não acho que não sejam inclusivos, apenas acho que falta certa consideração dos clientes e do mercado de trabalho em si.

3. Não vejo porque seria distante, visto que a deficiência visual nunca limitou as pessoas a tal ponto, ainda mais considerando o crescente desenvolvimento da ciência no que tange às lentes corretivas, cirurgias, etc. Sinceramente, é uma área que nunca parei para pensar como me afeta, então sou indiferente ao caso.

4. Pessoalmente nunca fui, mas já vi inúmeros trabalhos na internet de conhecidos ou amigos que atuam na área. A exposição possui uma forma única de repassar sentimentos que aguça a imaginação de forma mais fértil do que as palavras. Sobretudo para o humano do sexo masculino, que é um tanto mais visual do que as mulheres.

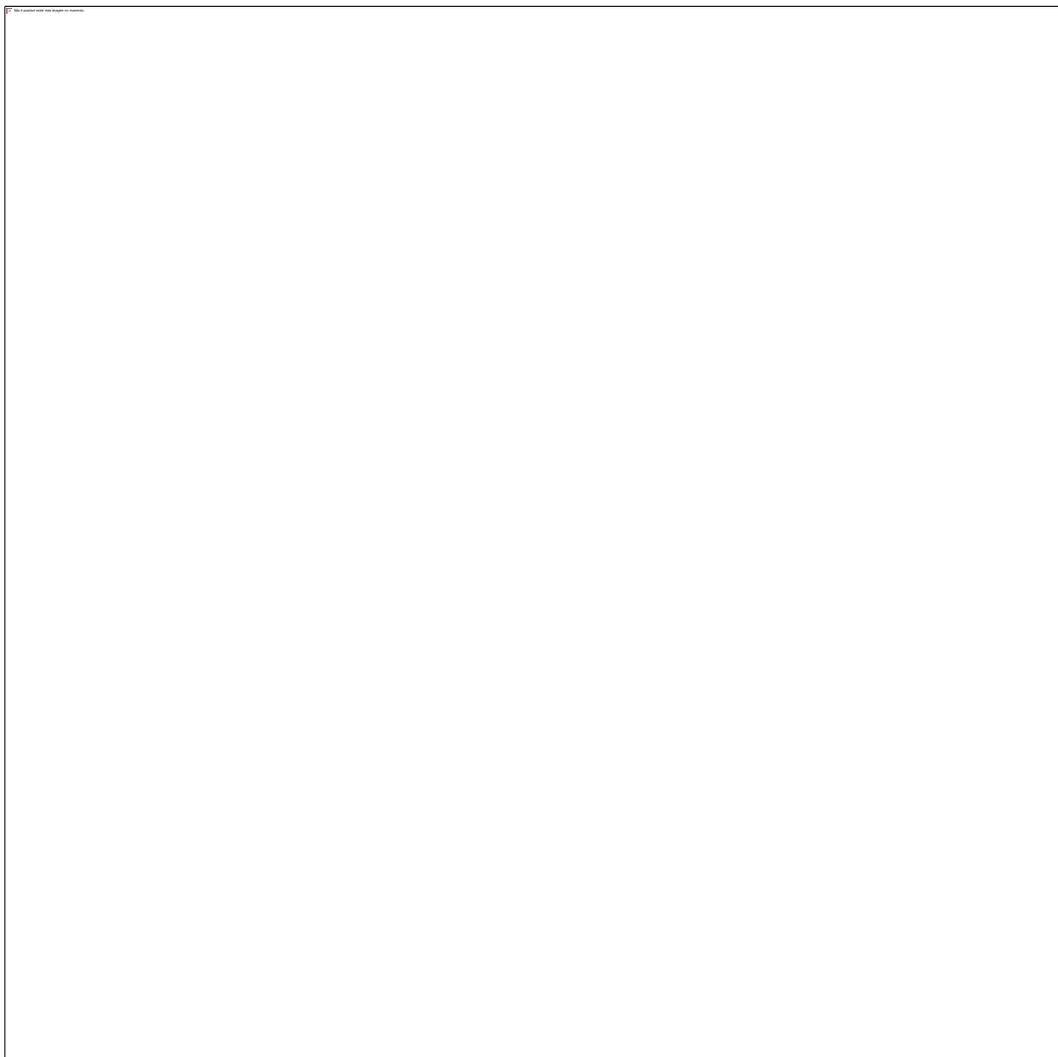
5. Não. Cada imagem passa uma interpretação única a quem vê, ou seja, tentar traduzi-la seria quebrar a essência que se pretende passar ao receptor. Acho que é como tentar explicar algo que não deve ser explicado, mas sim descoberto.

6. Talvez o fato de alguns profissionais que atuam nesta área usufruírem de coisas apelativas para chamar atenção, como cores gritantes, ao invés de um atributo criativo e inovador.

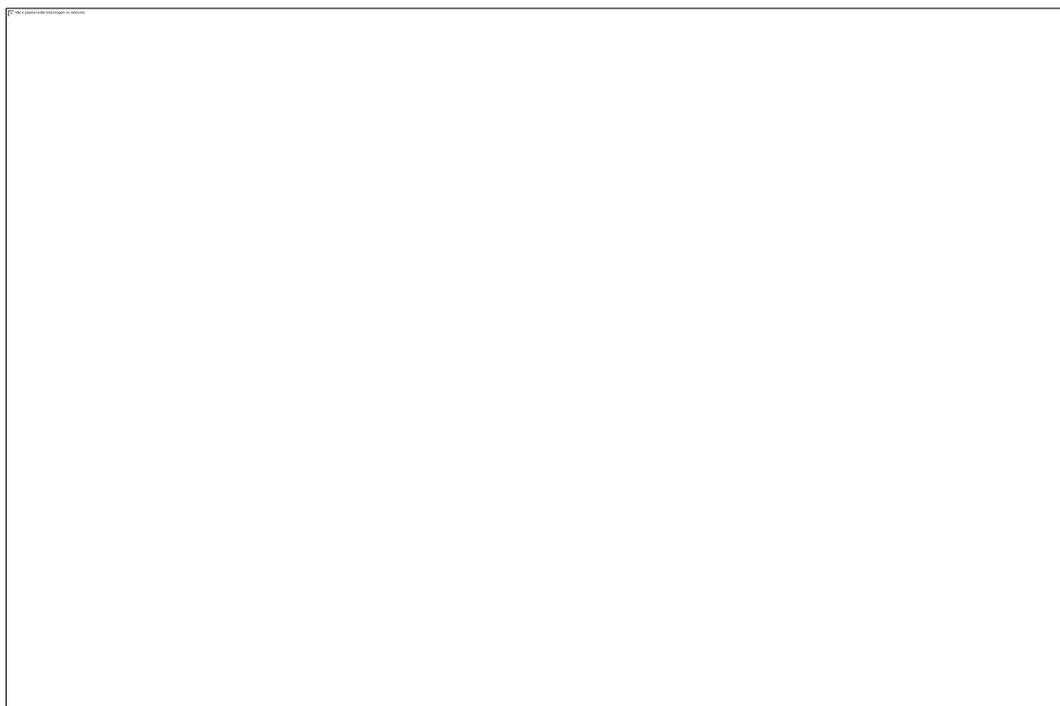
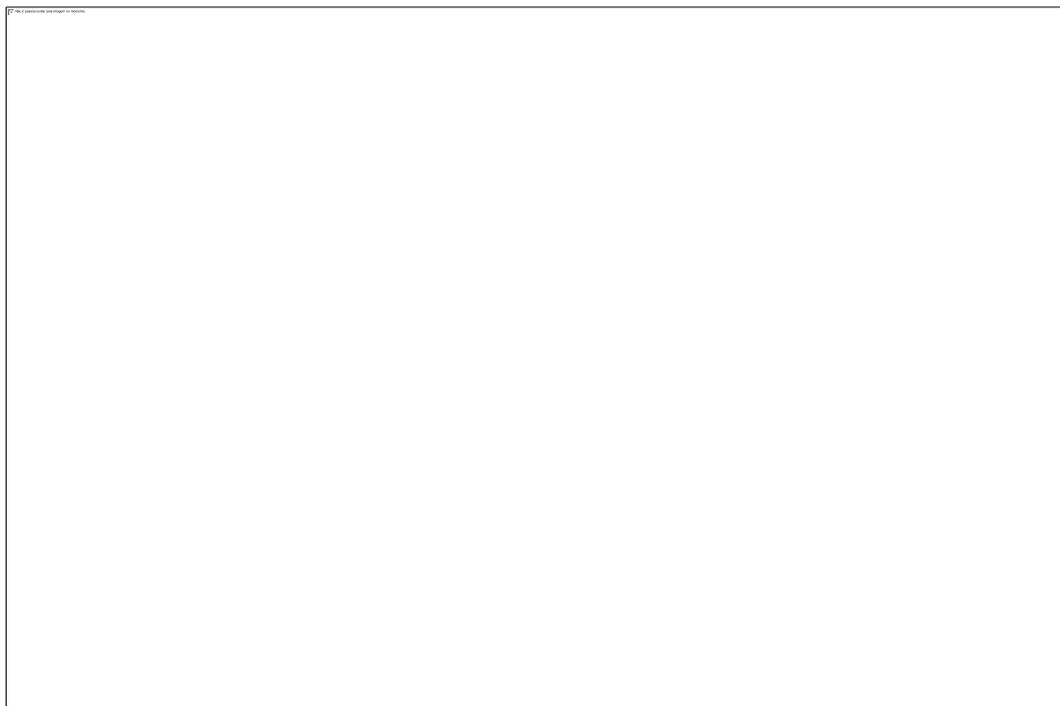
7. Como leigo no assunto, seria suspeito falar sem ter o conhecimento necessário. Mas talvez o melhoramento não seja na Comunicação Visual em si, mas sim nos receptores ou destinatários desta.

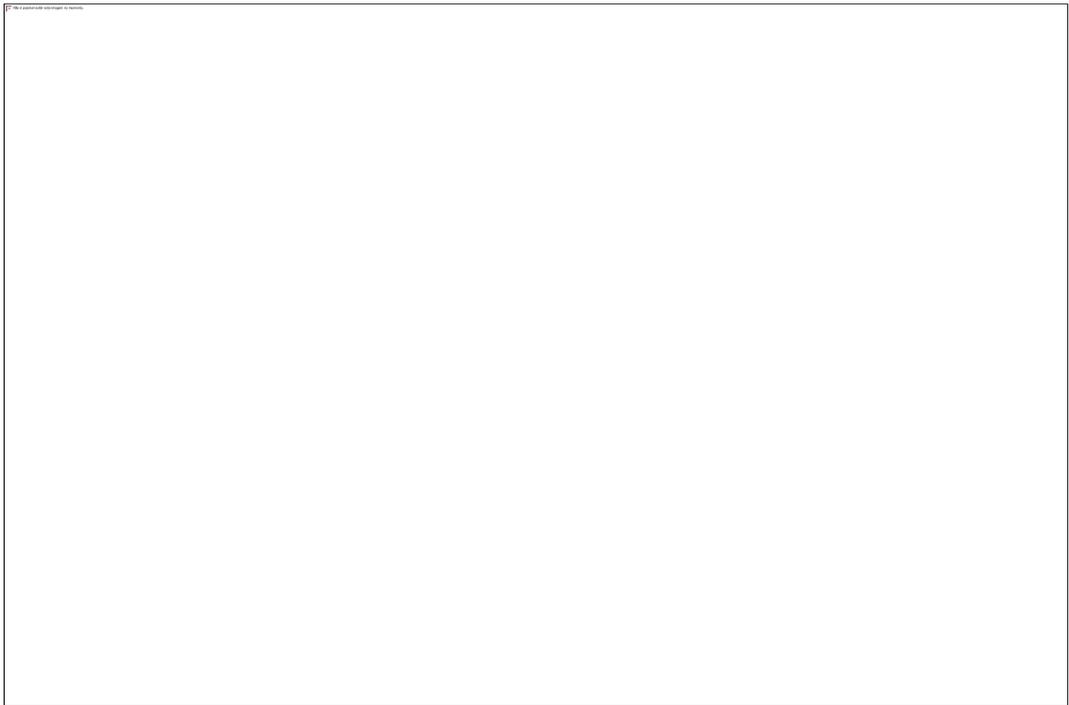
8. Não, infelizmente não conheço.

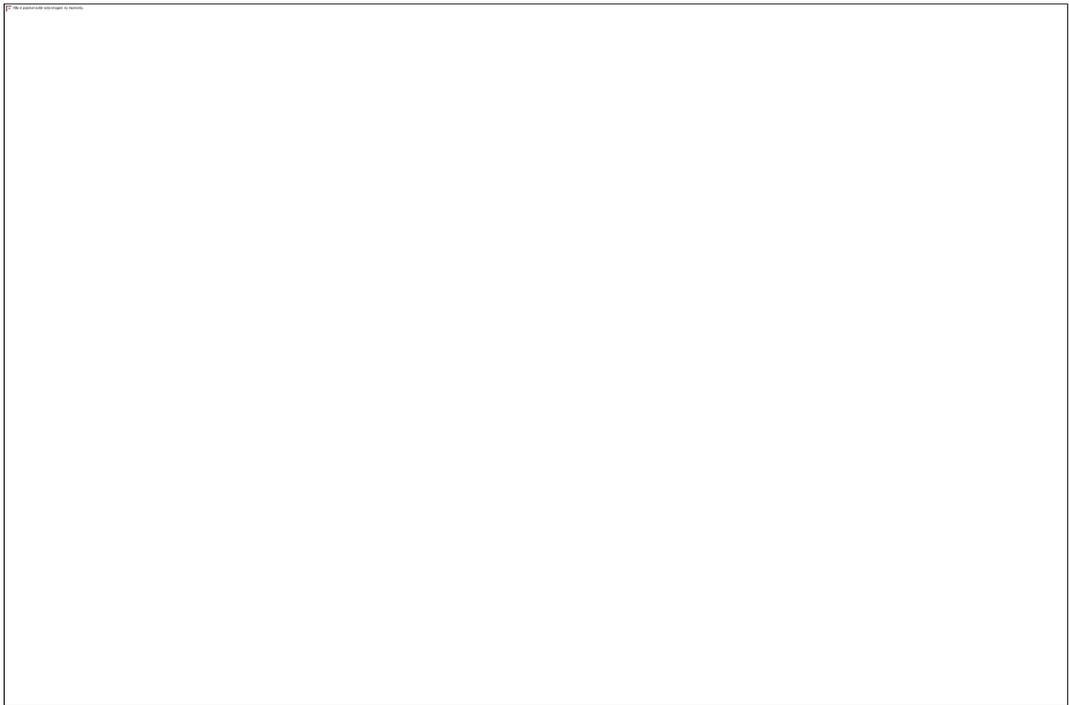
7.5 Imagem Utilizada para Descrição no Grupo Focal



7.6 Imagens Produzidas pelos Portadores de Deficiência Visual







7.7 Imagens do Grupo Focal

